

## NARRAR A DIFERENÇA, UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM “ENQUANTO OS DENTES”, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA.

DOI: 10.47677/gluks.v23i2.393

Recebido: 11/06/2023

Aprovado: 01/12/2023

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta os resultados preliminares de um projeto de pesquisa que tem como objetivo analisar as formas de representação e autorrepresentação de pessoas com deficiência em narrativas literárias, em especial da literatura brasileira contemporânea. Ao propor um estudo de obras que apresentem personagens que sejam pessoas com deficiência e que trate das questões relacionadas a esta condição, busco produzir uma análise que discuta novas formas de nomeação e caracterização deste grupo social. Neste artigo realizo uma leitura do conceito de deficiência a partir da noção de diferença, utilizando como referência as contribuições de Jacques Derrida, em especial a produção do neologismo “*différance*”. A reflexão teórica aqui encaminhada permitirá a análise das representações da deficiência no romance *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, que narra o percurso de um personagem usuário de cadeiras de rodas em um grande centro urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência, Diferença, Representação, Literatura brasileira.

Atribui-se a Freud, de forma generalizada, mas incorreta, o seguinte comentário em relação aos símbolos fálicos: “Às vezes, um charuto é apenas um charuto.”. O comentário retira o sentido alegórico e metafórico do objeto fálico para oferecer uma espécie de desnudamento do signo. É este mesmo desejo de apagamento do caráter simbólico que mobiliza o crítico britânico Lennard Davis ao parafrasear a fala atribuída a Freud: “às vezes uma perna amputada é apenas uma perna amputada” (DAVIS, 2016, p. 109). O comentário irônico de Davis está

---

1 Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFRJ, Doutor em Letras pela PUC-Rio. Correio eletrônico: [paulotonani@letras.ufrj.br](mailto:paulotonani@letras.ufrj.br). O presente artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa “Por uma cartografia dos corpos, narrativas da deficiência na literatura.”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa. É igualmente necessário registrar o meu agradecimento à Elaine Cabral de Cunha Souza e Vitória Barbosa de Sousa pelas contribuições no levantamento bibliográfico dos textos teóricos que formam minha análise e pelas sugestões críticas ofertadas, muito obrigado.

publicado no ensaio “O paradoxo da deficiência: a guetização do visual”, uma atenta leitura do lugar da deficiência nos discursos culturais e artísticos, examinando com maior atenção a produção fílmica ocidental. O pastiche criado pelo crítico revela o desejo de retirar da deficiência sua marca alegórica e busca promover um novo modelo de representação, que se baseie na leitura da deficiência por ela própria. Na leitura de Davis, as obras que trazem personagens com deficiência apresentam essa condição enquanto

um traço de caráter, uma metáfora, e deve encaixar num ponto do enredo ou servir de ‘revelação’ para outra personagem que não tenha visto, ou para a personagem principal que descobre coisas novas sobre si própria no processo de vencer a deficiência.(DAVIS, 2016, p. 109.)

Nas narrativas que apresentam personagens com deficiência é possível localizar a existência de um certo modelo, uma estrutura, em que os personagens se fixam numa fronteira entre uma retórica da compensação ou um mundo sem escolhas. David Mitchell e Sharon Snyder, em *The narrative prosthesis*, adotam um modelo interpretativo semelhante ao formulado por Davis ao identificarem a existência de uma espécie de dualidade que rege as narrativas sobre a deficiência, que transita entre o uso da deficiência enquanto um dispositivo metafórico oportunista e a apreciação desta condição enquanto forma de diferenciação, como aquilo que foge à norma. A hipótese formulada pelos autores nos auxilia na construção de modelos interpretativos das obras literárias que apresentam personagens com deficiência. No percurso crítico construído por Mitchell e Snyder são acionadas diferentes narrativas, propondo uma leitura diacrônica da questão que permite a visita a um *corpus* expressivo. Na economia deste artigo cabe citar ao menos dois exemplos bem singulares analisados pelos autores, nos quais operam com a metodologia proposta. O primeiro exemplo a ser citado é o conto infantil *O soldadinho de chumbo*, o qual é analisado enquanto exemplo de narrativa que trata da deficiência enquanto uma diferenciação baseada na ideia de normalidade, já que o brinquedo-soldado, sem uma das pernas, chama a atenção da criança por este atributo, e é renegado por ser um “aleijado feio” e por isso acaba descartado, quase que assassinado, ao ser jogado em uma lareira. O outro exemplo visitado pelos autores é a tragédia clássica de Sófocles, *Édipo Rei*. Na tragédia, segundo Mitchell e Snyder, a cegueira do vidente Tirésias e o próprio ato de Édipo ao cegar-se são exemplos de tratamento da deficiência como dispositivo metafórico. Afinal, ao cegar-se Édipo buscaria na autopunição uma forma de elevação, como se a ausência de visão, necessariamente, o tornasse mais digno. Sobre o vidente Tirésias, é digno de nota que

o fato do personagem ser cego incide em uma visão idealista que trata a cegueira enquanto possibilidade de percepção do mundo de modo mais profundo e além da própria materialidade. Na leitura dos dois críticos, o uso alegórico da deficiência impede que a pessoa com deficiência, seus corpos e suas questões, não sejam compreendidos enquanto significados particulares e atributos de uma experiência coletiva.

Ao visitar a contribuição crítica de David Mitchell e Sharon Snyder pretendo contribuir para a elaboração de um debate sobre as representações da deficiência e parto da premissa de que a reflexão sobre pessoas com deficiência requer o acionamento de um outro modelo interpretativo da questão da diferença. Até que ponto as análises que tratam de existências deficientes como apenas analogias para outras coisas não estão contribuindo para o apagamento simbólico e material dessas existências em realidades para além da ficção? Há um corpo, um corpo que se coloca diante de questões de saber-poder que o direciona na fronteira entre normalidade e anormalidade. O modelo social da deficiência, em sua matriz britânica e norte-americana, já evidenciou que a noção de deficiência é uma construção, a lesão no corpo não o torna incapaz, mas sim a sociedade. Além disso, a própria definição de deficiência é plural. Envolve corpo, mente, visão, estatura, fala, audição, capacidade intelectual, deficiência adquirida, deficiência natural. Diante deste quadro, cabe questionar: qual o parâmetro que define a deficiência? A questão não é apenas retórica, trata-se da constituição de novos modos de interpretação dos corpos, buscando distanciar-se de modelos médicos baseados na leitura biológica das lesões que abalam as funcionalidades dos corpos e propor uma leitura centrada em um modelo social que coloca em evidência os discursos e práticas discriminatórios. O resultado imediato da emergência deste novo paradigma é a criação de um discurso político que passa a observar a deficiência em uma perspectiva coletiva. A pessoa com deficiência deixa de ser vista como um indivíduo que sofre um infortúnio, uma tragédia pessoal, e passa a ser lida como participante de um grupo político que sofre opressão devido à sua condição. Opressão esta que será nomeada como capacitismo, conceito formulado por ativistas do movimento de pessoas com deficiência que denuncia o preconceito, discriminação e violências sofridas pelas pessoas com deficiência devido, unicamente, à sua condição de deficiente. É necessário recordar que a produção da noção de deficiência é uma construção da modernidade e, conforme revela o pensamento de Michel Foucault, a emergência da biopolítica está em contato com a própria definição de deficiência. Em uma perspectiva política, ocorre também uma mudança de compreensão da relação entre a experiência da pessoa com deficiência e o espaço público. O

ponto de clivagem ocorre nos anos de 1970 e 1980 dentro dos chamados novos movimentos sociais, nos quais será urdida uma agência de questionamento contra a naturalização da inferioridade e contra o silenciamento dos corpos deficientes. O elo de união será a opressão social que opera contra os corpos das pessoas com deficiência. Na pauta está a denúncia da universalização dos direitos, igualdade perante à lei e a diluição da diferença, ofertando como forma de intervenção política a afirmação solidária em que o pessoal se torna público. É uma agenda que está ancorada na centralidade do corpo, identificando neste espaço exíguo de poder uma forma de significação e possibilidade de contrastar os discursos essencialistas que definem a deficiência como incapacidade e indicador de marginalização.

O presente artigo, além de tratar da representação da deficiência no romance *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, busca igualmente examinar a deficiência a partir do conceito de diferença. Torna-se impossível acionar a noção de diferença sem visitar o pensamento de Jacques Derrida e, principalmente, a neografismo *différance*. No entanto, é importante explicitar que ao propor como passo inicial a referência a Derrida, não se está em detrimento o conceito de diferença cunhado por Gilles Deleuze. Há um componente não-dialético que orienta tanto o conceito deleuziano quanto o instrumento derridiano. Contudo, proponho a examinar de forma mais atenta o neografismo *différance* por identificar o impacto deste no campo dos Estudos Culturais e, especialmente, por compreender a possibilidade de utilização deste debate enquanto recurso teórico para a reflexão sobre a noção de deficiência em uma perspectiva mais plural e livre de uma relação interdependente do conceito de normalidade.

*Différance*: a discreta intervenção gráfica para a construção do termo, perpetrada pela simples troca da letra *e* pelo *a*, ressoa como uma espécie de marca silenciosa, que pode ser lida, escrita, mas não se ouve. Importante observar que *différance* não é apenas uma palavra ou um conceito, trata-se de um instrumento filosófico que ataca de modo frontal um dos principais sintomas da tradição filosófica ocidental: o fonocentrismo. A apresentação elaborada por Derrida nos permite observar a questão de forma mais objetiva:

Sem dúvida este silêncio piramidal da diferença gráfica entre o *e* e o *a* só pode funcionar no interior do sistema de escrita fonética e no interior de uma língua ou de uma gramática historicamente associada à escrita fonética bem como a toda a cultura de que é inseparável. (DERRIDA, 1991, p. 35-6)

A homofonia produzida pela substituição do elemento *e* de *différence* pelo *a*, constituindo o neologismo *différance*, produz um instrumento de diferenciação duplo, ataca a centralidade da fonética e propõe uma nova ênfase à escrita. A silenciosa subversão do termo diferença em francês – conceito tão caro aos chamados *filósofos da diferença*, como Nietzsche e Heidegger – produz uma diferença que resulta em uma nova expressão, ou instrumento, que se fixa no jogo entre as formas gráfica e sonora. A deformação perpetrada pela substituição de uma única vogal, que promove uma alteração visual, mas não fonética, objetiva demarcar a diferença entre escrita e fala. Antônio Flávio Pierucci, em *Ciladas da diferença*, examina com atenção a relação entre escrita e oralidade construída pelo instrumento:

Uma diferença interna, ao próprio discurso, que difere o discurso escrito em relação ao discurso falado, do mesmo modo que difere o significante em relação ao significado, sem que disto nos demos conta, acostumados que estamos a pensar que a escrita é a correspondente representação da fala ausente, quando na verdade é algo totalmente diferente, um outro acontecer. (PIERUCCI, 1999, p. 146)

Devido à sua elaboração ter sido realizada em francês, um caminho natural foi a discussão sobre sua escrita e também sobre a tradução para outras línguas. Exemplar disto é a esclarecedora nota apresentada pela tradutora Anamaria Skinner, em *Espectros de Marx*, que visita as muitas traduções e as respectivas grafias que o termo já recebeu quando traduzido para o português:

*Différance* foi traduzida como “diferência” por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva em *A escritura e a diferença*, mantida por Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro, em *Gramatologia* (São Paulo, Perspectiva, 1971 e 1973); como “diferencia”, em Portugal; como “diferença” por Joaquim Torres da Costa e Antonio M. de Magalhães em *Margens da filosofia* (RÊS-Editora, s.d.), e ainda grafada em francês, em nossa obra coletiva, *Glossário de Derrida* (Supervisão Silvano Santiago, Francisco Alves, 1976). Todas essas foram tentativas de – respeitando o princípio de “uma discreta intervenção gráfica (a troca do e pelo a)” –, indicada por J. Derrida na conferência *La différence* (1968) – reproduzir em português este neografismo que, em francês, se lê ou se escreve, mas não se ouve. Aqui, optamos pela grafia *diferança*, pois ao que parece, assim se preserva uma maior identidade gráfica e fônica entre *diferença* e *diferança*, trocando-se, simplesmente, como em francês, o e pelo a. (SKINNER, 1994, p. 50 – Nota da tradutora)

Reunidas em uma nota, as muitas tentativas de tradução do termo permitem a localização de um expressivo conjunto de experimentos que coloca em revelo o problema do processo tradutório do neografismo francês para o português e evidencia o objetivo primeiro de Derrida ao propor a expressão, como nos esclarece Evando Nascimento, em *Derrida e literatura: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*: “*différance* marca o limite da possibilidade de toda tradução”(NASCIMENTO, 2015, p. 156).

A criação do neografismo pode ser tomado como um “emblema da desconstrução” e foi fonte segura para as mais variadas apropriações, gerando um considerável debate acerca de seu uso e, principalmente, acerca da essência de seu real significado na perspectiva adotada por Derrida. No entanto, seguindo o próprio escopo construído por Derrida e visitado por Silvano Santiago em *Glossário de Derrida*, é possível observar que *différance* “não é um conceito, nem uma palavra, mas sim uma espécie de foco de cruzamento histórico e sistemático reunindo em feixe, diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem” (SANTIAGO, 1976, p. 27-8), conforme examinou Silvano Santiago, em *Glossário de Derrida*, evidenciando o caráter não-dialético em sua leitura. Em outras palavras, o termo construído por Derrida apresenta em sua própria estrutura, elaborada na busca pela impossibilidade de semelhança entre o fonético e o gráfico, o desejo de um movimento que produza uma transformação/deformação original, “de uma presença ausente que só está em vestígio e que revela que todo o texto é uma estrutura de referências infinitas, uma *mise en scène* em que [nas palavras de Derrida] ‘há apenas, por toda parte, diferenças e vestígios de vestígios’” (PIERUCCI, 1999, p. 146). Para além da própria composição do termo e sua conseqüente deformação e diferença entre a palavra escrita e a inaudível, Derrida apresenta a noção de diferença em oposição ao constante modelo interpretativo que a pensava como resultante e derivada de uma presença prévia. A diferença só poderia emergir por meio de uma alteridade/outridade, seja em um campo de exame concreto ou abstrato, entre coisas, entes ou conceitos. Em Derrida, localizamos um traço que performatiza e estabelece de modo fixo um espaço de incoerência incontornável, uma ambivalência, entre o caráter diferencial da linguagem e a sua unidade central, o signo. Antônio Flavio Pierucci define de forma objetiva o resultado do gesto perpetrado pela diferenciação entre linguagem e signo a partir da substituição de uma vogal: “Podemos dizer, então, que o *a* de *différance* funciona como um ato de diferenciação que produz diferenças. Uma diferença que faz diferença(s).” (PIERUCCI, 1999, p. 146).

Para além da questão da linguagem e do signo, a construção do instrumento também promove uma problematização semântica em relação ao termo, fixada na ambivalência existente entre a ideia de diferir como temporalização e, numa segunda perspectiva, como espaçamento, promovendo, assim, um ato simultâneo e contínuo de diferenciação. Nesta perspectiva, *différance* aciona uma forma possível de conjunção dos dois significados do verbo

francês *différer*. O primeiro significado, segundo Evando Nascimento, seria “demorar, dilatar, adiar, prorrogar, delongar, procrastinar. Derrida dá a todo esse semema o nome correlativo de *temporisation*, palavra que vem do verbo *temporiser*.” (NASCIMENTO, 2015, p. 156). E, já “o outro sentido para *différer* já se encontra na raiz grega do termo: ser outro, não ser o mesmo, ser diferente, dessemelhante; distinguir-se, diferenciar-se, opor-se, divergir, discordar, discrepar”. (NASCIMENTO, 2015, p. 157). Assim, *différance* constitui uma casualidade ímpar, original e produtiva, fundada na mescla e na pluralidade de significados, não fixada ao signo e que restabelece uma nova ordem para a apreciação da relação entre escrita e oralidade. Nas palavras do próprio Derrida,

Ora, a palavra *différence* (com um e) não pode nunca remeter, nem para o diferir, como temporalização, nem para diferindo, como *polemos*. É essa perda de sentido, que a palavra *différance* (com um a) deveria – economicamente – compensar. Ela pode remeter simultaneamente para toda a configuração de suas configurações. (DERRIDA, 1991, p. 39).

Em síntese, o termo passa a ocupar o lugar de um recurso – reforço a ideia de que *différance* não é um conceito, mas, sim, um instrumento, um meio – pelo qual o desejo de diferença (diferentes) e as diferenças (identificáveis) são produzidas, enquanto efeitos constituídos.

Os Estudos Culturais irão se apropriar deste pensamento elevando-o a uma espécie de ferramenta crítica que permite a elaboração de um novo modelo de abordagem dos objetos e de novas concepções do sujeito. O próprio Stuart Hall, em ensaio que examina a construção da noção de multiculturalismo, analisa que seu uso do “conceito” *différance* é uma certa apropriação, que não intenta rasurar a concepção primeira ofertada por Derrida, mas que o liga a uma leitura do campo cultural enquanto espaço de problematização: “Naturalmente, o que faço aqui é traduzir da filosofia à cultura e expandir o conceito de Derrida sem autorização – embora, espero, não o faça contra o espírito de seu sentido/propósito.” (HALL, 2003, p. 92). A melhor definição para este processo de acomodação do pensamento derridiano é oferecida pelo próprio Hall, que o nomeia como uma expansão. Nesta perspectiva, não significa que o “conceito” seja alterado ou reelaborado, mas sim que o seu uso é outro, alocado para o exercício crítico de uma outra experiência sensível: a cultura. Para justificar esse uso inusitado, o crítico jamaicano afirma que “para Derrida, *différance* é tanto ‘marcar diferença’ quando ‘diferir’. O conceito se funda em estratégias de protelação, suspensão, referência, elisão, desvio, adiamento e reserva.” (HALL, 2003, p. 92). O conceito passa, agora, a ser lido enquanto recurso estratégico

e não apenas um instrumental teórico. É no intervalo que se cria entre o desejo de marcar a diferença e a localização das diferenças instauradas por outrem – pelo discurso, pelo poder, pelo gênero, pela raça, pela sexualidade, pela classe, pela religião, pela língua, pela deficiência e por tudo o que não se quer diferir ou se deseja alcançar uma igualdade – que se produz um novo ponto de observação do cenário cultural.

Além disto, Stuart Hall apresenta um uso estratégico do instrumento derridiano enquanto recurso para a recusa de uma noção essencialista e autônoma para as identidades culturais. *Différance* exerce o papel de mediação necessária para a demarcação do caráter ambivalente e inconcluso do processo de produção das identidades por meio da diferença. Nesta chave, as identidades culturais, principalmente dos povos do Caribe, espaço primeiro de reflexão de Stuart Hall, são compreendidas fora de um binarismo redutor e excludente, pois passam a ser lidas por meio de “*places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33). A natureza cindida do signo *Différance* passa a ser a própria matriz do processo de tradução cultural, revelando a desestabilização de uma origem e a produção de um novo referente, fundamentando a elaboração de novos olhares sobre a hibridização cultural.

No ensaio “Etnicidade: identidade e diferença”, fica mais claro o uso que o crítico jamaicano realiza do signo *Différance* quando o aciona como referência para o exame da relação interdependente entre os conceitos de identidade e diferença. Na leitura de Stuart Hall, a lógica da identidade busca uma forma de ancoragem na ideia de autenticidade e se fixa na delimitação de uma diferença. Tal leitura teórica é fundamentada em um modelo de análise da linguística e se tornou amplamente visitada no campo dos Estudos Culturais. Nos interessa a equação estruturada por Stuart Hall a partir do acionamento dos conceitos de identidade, diferença e *Différance*. Claro está que os dois últimos conceitos citados não são homônimos e, muito menos, não guardam nenhuma semelhança. Ao contrário, conforme exposto anteriormente, *Différance* se opõe a uma leitura dialética e binária. A adoção do signo enquanto recurso crítico para uma abordagem do processo de construção identitária resulta na localização da perspectiva ambivalente própria ao ato discursivo. Dessa forma, após reconhecer as grandes diferenças do discurso do racismo, sempre baseadas em oposições binárias e estanques, como negro e branco, civilizado e branco, civilizado e primitivo, Stuart Hall busca elaborar uma nova concepção de diferença que possa pensar a oposição relacional entre identidade e diferença por um novo prisma. É nesta perspectiva que *Différance* surge como recurso, o próprio crítico observa que

em Derrida você encontra uma noção de *Différance* que reconhece a natureza interminável, contínua da construção do significado, mas esta também reconhece que há sempre o jogo da identidade e da diferença e sempre o jogo da diferença sobre a identidade. Você não pode pensar em uma sem a outra. (HALL, 2016a, p. 324)

*Différance* reconhece a natureza interminável, para citar a expressão de Hall, e expande a rigidez da visão agonística que orienta o conceito de diferença. Em suma, se a ideia de diferença necessita da localização do mesmo para se diferir, o pensamento derridiano nos faz compreender que a diferença deve ser concebida em sua autonomia. Além disso, a interdependência localizada na dualidade existente entre identidade e diferença passa a reverberar um contínuo deslocamento, que alimenta o próprio ato discursivo da enunciação. Liv Sovik, na apresentação ao volume *Da diáspora*, analisa o uso peculiar que Stuart Hall realiza do jogo da diferença, lançando mão do signo “*Différance*” enquanto recurso discursivo, ao mesmo tempo em que examina o estratégico valor dos discursos de identidade negra diante do racismo.

Hall afirma o valor estratégico dos discursos da identidade negra diante do racismo, com suas múltiplas raízes nos diversos níveis da formação social: político, econômico, social, cultural. Ao mesmo tempo, em um movimento que parece paradoxal, enfoca sempre o jogo da diferença, a *différance*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial. O paradoxo é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. (SOVIK, 2003, p. 15-6)

A leitura de Liv Sovik nos auxilia no exame da complexa relação entre *différance* e diferença no pensamento de Hall, nos fazendo observar que não se trata de uma oposição, mas, sim, da acomodação de um novo modelo de interpretação que coaduna as construções identitárias que se desejam fixas e essencialistas ao lado de uma perspectiva híbrida e plural. O resultado desta operação crítica permite observar um aspecto fundamental nas análises da relação entre identidade e diferença: a representação. Afinal, nas palavras do próprio Stuart Hall, “A identidade está dentro do discurso, dentro da representação. Está construída em parte pela representação”(HALL, 2016a, p. 324). Seguindo a trilha aberta pelo crítico, somos inclinados a definir que não existe uma identidade fora da representação, sua construção está sempre ligada à linguagem.

Tal argumento teórico é potencializado por Stuart Hall nos dois ensaios que compõem o volume *Cultura e representação*. A partir do uso de um tom assumidamente didático, que em alguns momentos faz a vez de uma verdadeira aula sobre o tema, com direito a propostas de

atividades e proposição de exercícios, somos apresentados a uma visita crítica e historicista de conceitos fundamentais no pensamento do crítico: representação e diferença. O primeiro ensaio, “O papel da representação”, realiza um percurso teórico que visita e examina os trabalhos e contribuições de Michel Foucault, Roland Barthes e Ferdinand de Saussure. O objetivo é percorrer algumas das definições do conceito de representação e, principalmente, oferecer a perspectiva que orientou o trabalho de Stuart Hall, marcadamente um construtivista, que concebia “o ‘real’ como uma ‘construção social’, amplamente marcada pela mídia e suas imagens nas sociedades contemporâneas” (ITUASSU, 2016, p. 11). A visita ao conceito de representação assume um papel didático, na medida em que este conceito será a ferramenta necessária para o exame de um outro conceito: a diferença. No segundo ensaio, “O espetáculo do outro”, Stuart Hall apresenta de forma atenta uma longa reflexão sobre a representação da diferença racial a partir dos resultados de sua pesquisa sobre imagens (no sentido pictórico) do negro na cultura europeia, com especial atenção à britânica. O ensaio oferece uma leitura diacrônica destas imagens, desde as produzidas durante o capitalismo colonizador na África, passando por determinadas representações acadêmicas, até alcançar a publicidade e outros discursos imagéticos. A reflexão sobre a produção dessas imagens passa a ser fundamentada pela discussão do conceito de diferença, principalmente de diferença racial, buscando

aprofundar a compreensão do significado da representação e de seu funcionamento. Trata-se de algo complexo e, especialmente quando lida com a “diferença”, envolve sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza os medos e ansiedades do espectador em níveis mais profundos do que podemos explicar de uma forma simples, com base no senso comum. (HALL, 2016b, p. 140)

Tal qual o operado com o conceito de representação, Stuart Hall também apresenta de forma didática diferentes concepções e perspectivas teóricas acerca da noção. Neste exercício crítico fica claro que o uso do conceito de diferença que rege o olhar do crítico não é o mesmo adotado em sua leitura da relação interdependente com o conceito de identidade. Em *Cultura e representação*, somos apresentados a uma perspectiva da noção de diferença que emerge como substrato da alteridade estabelecida com o Outro. No entanto, ainda que seja ofertado um tratamento distinto ao conceito, a leitura ambivalente da diferença se mantém. Após reconhecer uma certa emergência das “questões sobre diferença” nos Estudos Culturais, Hall busca examinar quatro abordagens teóricas do conceito, elencando a importância da diferença e os aspectos negativos da mesma, e conclui que “a união desses dois enfoques nos mostra por que a diferença é necessária e perigosa.” (HALL, 2016b, p. 153).

A primeira abordagem examinada é formada na Linguística e tem em Ferdinand Saussure seu principal teórico. A teoria de Saussure foi fundamental para o arcabouço teórico dos Estudos Culturais e influenciou uma série de pesquisadores, a começar pelo próprio Stuart Hall. Na leitura do crítico, o principal argumento da teorização de Saussure “é que a diferença é importante porque é essencial ao significado; sem ela, o significado não poderia existir.”(HALL, 2016b, p. 153). Esse argumento teórico irá contribuir de modo claro na leitura da relação entre identidade e diferente.

O segundo modelo de abordagem citado por Hall é também formado em teorias da linguagem e tem como seu formulador o crítico russo Mikhail Bakhtin. No argumento de Bakhtin, a diferença é necessária para a construção de um significado através do diálogo com o Outro.

Para Bakhtin, o significado é estabelecido por meio do diálogo – é fundamentalmente dialógico. Tudo o que fizemos e significamos é modificado pela interação e pela troca com o outro. O significado surge através da “diferença” entre os participantes de qualquer diálogo. O “Outro”, em suma, é essencial para o significado. (HALL, 2016 b, p. 155)

Por conseguinte, a terceira abordagem teórica da diferença é formada na antropologia e tem como fundamento a compreensão de que a cultura depende do significado que damos às coisas, isto é, a atribuição de diferentes posições dentro de um sistema classificatório. Nas palavras de Stuart Hall, “a marcação da ‘diferença’ é, portanto, a base da ordem simbólica que chamamos de cultura”. (HALL, 2016 b, p. 156). Nesta perspectiva, os processos de ordenação e classificação realizados por grupos sociais surgem como formas de produção de significado. Émile Durkheim, Claude Lévi-Strauss e Mary Douglas são os principais antropólogos que teorizaram a diferença nesta chave.

Por fim, a quarta e última abordagem teórica da diferença que Stuart Hall apresenta é formada no pensamento psicanalítico e relaciona-se ao papel da diferença em nossa vida psíquica. Em síntese, o autor observa que neste campo do saber “o argumento é que o “Outro” é fundamental para a constituição do self dos sujeitos e para a identidade sexual.”. (Hall, 2016b, p. 157-8). A noção de diferença passa a ser crucial no pensamento de Freud, com especial atenção ao processo de estágio de desenvolvimento inicial de nossa identidade sexual, processo de foi nomeado de “Complexo de Édipo”.

A breve referência às quatro abordagens do conceito de diferença tem como objetivo delimitar a importância deste conceito no pensamento de Stuart Hall e no campo dos Estudos Culturais, de maneira mais geral. Na economia deste artigo, não cabe um exercício crítico

acerca de cada abordagem, mas, sim, destacar a forma como o conceito surge como ferramenta fundamental da análise do autor, sendo utilizada como recurso para uma extensa e apurada análise da representação da diferença racial. Afinal, será a partir do entrelaçamento dos conceitos de representação e diferença, no qual o primeiro emerge como ferramenta crítica e o segundo enquanto objeto de análise, que o crítico visita as muitas representações do negro na cultura europeia, resultando na identificação de “um regime racializado da representação”, para citar uma expressão empregada pelo próprio Hall.

Pensar em um regime da representação – e aqui me interessa pensar a representação das pessoas com deficiência – somos apresentados a própria definição ambivalente da diferença, que pode ser construída em uma perspectiva positiva ou negativa. Ou seja, que pode lançar mão de estereótipos redutores, principalmente quando o sujeito da enunciação não é o mesmo do objeto; ou se apropriar de determinadas imagens negativas e subvertê-las em um traço característico de uma identidade que se constrói a partir da diferença, sobretudo quando localizamos formas de autorrepresentação de sujeitos da diferença. Ao visitar o pensamento de Jacques Derrida e a produção do instrumento *différance*, busco ampliar o repertório crítico sobre os modos de representação da deficiência e das pessoas com deficiência, propondo modelos interpretativos de narrativas, relatos autobiográficos e ensaios que tratam do tema. Ao tomar como referência o debate sobre diferença, busco examinar a deficiência de forma autônoma, sem precisar construir uma dicotomia ou paralelismo entre “normalidade” e “deficiência”. O resultado deste empreendimento crítico é a concepção da deficiência em sua própria contingência. Afinal, seguindo os preceitos pós-estruturalistas, a diferença deve, antes de tudo, simplesmente diferir em si mesmo. As pessoas com deficiência não devem ser lidas e concebidas em oposição a algo, é necessário conceber a deficiência para além da diversidade de modos de vida, pois a diferença é algo que se fixa ao próprio corpo/sujeito/coisa, tornando-se inseparável daquilo que o constitui e o define.

*Enquanto os dentes*, romance de estreia de Carlos Eduardo Pereira, pode ser tomado como um exemplo de narrativa contemporânea que examina a questão da deficiência e promove representações sobre esta condição. No romance acompanhamos o percurso trilhado pelo personagem Antônio, um jovem cadeirante, entre o seu apartamento e a casa de seus pais. Trata-se de um retorno, o retorno a um núcleo familiar hostil que é impulsionado pela sua nova condição de vida, agora enquanto cadeirante o personagem se vê em um mundo sem escolhas. O traço que singulariza o romance de Carlos Eduardo Pereira é a construção de um narrador

calcado no olhar do personagem Antônio, produzindo um modo de representação do percurso na perspectiva de um homem cadeirante. É digno de nota a existência de uma espécie de espelhamento entre a construção do personagem Antônio e o autor Carlos Eduardo Pereira, afinal ambos são usuários de cadeiras de rodas e são homens negros. A semelhança cria um efeito de leitura inusitado da obra, que nos mobiliza a buscarmos paralelismos entre autor e personagem e, sobretudo, nos aproxima do conceito de autoficção, tal qual formulado por Serge Doubrovsky. É claro que o romance é, do ponto de vista político, uma obra inspirada na própria experiência do autor. No entanto, seria uma afirmativa apressada definir o texto de Carlos Eduardo Pereira enquanto uma autoficção. Minha recusa repousa na impossibilidade de localizarmos uma homonomia entre personagem e autor e, em especial, por não estarmos diante de uma narrativa em primeira pessoa. Ainda que o fato do personagem ser um usuário de cadeira de rodas resulte em uma espécie de sombra sobre a matéria narrada e seja solicitada essa leitura que vasculha a obra por aspectos biográficos do autor no enredo, as semelhanças ficam restritas a isto.

Importa observar o narrador, um narrador calcado no olhar de Antônio. Uma experiência de narrar uma viagem, uma travessia, um percurso. Narrar o retorno à casa dos pais, a volta a um ambiente familiar especialmente hostil. É uma viagem de ônibus, metrô e barca, mas é também uma viagem interior, subjetiva, um mergulho na própria subjetividade.

Contudo, a experiência de narrar o trajeto pela cidade, que inclui diferentes transportes públicos, ganha contornos distintos quando o transeunte é um cadeirante, mais do que uma viagem interior, subjetiva, um mergulho na própria vida do personagem, o percurso trilhado pelo personagem é um deslocamento conturbado e sem escolhas para a casa dos pais. O protagonista torna-se uma pessoa com deficiência após um acidente de carro que debelou a sua nova condição, inserindo na narrativa a existência de um marco na vida do personagem, revelado na recorrência em que a expressão “antes do acidente” se faz presente na narrativa. O acidente e o seu resultado criam uma certa fissura e estrutura a vida de Antônio entre um antes e um depois. Tornar-se uma pessoa com deficiência e usuária de cadeiras de rodas promove uma outra experiência, uma outra vida, uma outra identidade. A experiência anterior foi substituída, ofuscada. Agora, enquanto pessoa com deficiência, Antônio é CDR, sigla utilizada por funcionários da barca para nomear um cadeirante; PCD, sigla impressa no metrô para designar as pessoas com deficiência; Deficiente, expressão usada por um transeunte para se referir a Antônio; e Cadeirante, como o motorista de ônibus nomeia Antônio ao ajudá-lo a

embarcar no transporte. O personagem passa a ser objeto dos olhares, olhares piedosos, olhares de culpa, olhares de pena.

Na rua, as pessoas vivem olhando para Antônio. E ele sorri. É de se imaginar o que elas pensam ao cruzar com um cadeirante desacompanhado. Tem gente que basta topa com um infeliz numa cadeira de rodas que logo se oferece para prestar algum tipo de ajuda. Geralmente os que não podem nem consigo mesmos. Esta tarde já vieram duas velhotas de cabelo lilás, um altão com camisa do Vasco e uma magrela. Só que Antônio não quer nada além de ficar por aqui, fazendo um intervalo para depois seguir seu caminho. A vontade é de mandar para o inferno todos eles. Mas não foi essa a educação que recebeu. Por mais que não queira, que não possa, é obrigado a devolver o sorriso. O melhor sorriso. (PEREIRA, 2017, p.10)

A passagem é rica de significados. Antes, é necessário destacar que no fragmento fica patente a posição assumida pelo narrador do romance, sempre calcado na perspectiva de Antônio. É proposta a produção de um olhar perspectivado pela própria experiência da “*caderância*”, um ponto de vista particular construído pela posição assumida pelo corpo em seu trajeto pela cidade. No trecho também são apresentadas as atitudes capacitistas de alguns transeuntes diante da presença de Antônio. No comentário do narrador a oferta de ajuda expõe a falta de autodeterminação de Antônio, a inexistência da autonomia do personagem. No entanto, não se trata de dependência, mas da ausência de mecanismos que ofereçam condições para que um usuário de cadeira de rodas possa transitar de modo livre pela cidade. Pois, como o próprio narrador afirma,

se vivêssemos num mundo ideal, aqui na praça haveria um banheiro público com uma cabine adaptada, daquelas exclusivas para cadeirantes, e Antônio entraria nela. Se encontrasse um desses pela frente ele poderia recuperar de uma espécie de vertigem, mesmo que dentro da cabine houvesse vassouras, rodos, baldes, e tudo aquilo que os funcionários de limpeza que não tem mais onde guardar (nem todo mundo ideal é tão ideal quanto a gente gostaria). (PEREIRA, 2017, p.10-11)

O mundo ideal imaginado pelo narrador seria a possibilidade de acesso a espaços de direito. Na passagem é ofertada uma mudança de perspectiva que evidencia que o problema de Antônio não é, em essência, a sua condição. O que torna o personagem um elemento estranho na paisagem urbana é a ausência de mecanismos de acessibilidade no mobiliário da cidade, tornando a condição de Antônio um problema. A diferença, o fato de utilizar uma cadeira de rodas para transitar pelas ruas, se torna um problema por não ser reconhecida a sua particularidade.

Um dos aspectos mais notáveis do romance de Carlos Eduardo Pereira é o modo como o autor expõe como operações simples se tornam especialmente complexas devido à ausência

de estruturas acessíveis para outros modos de vida, como um usuário de cadeira de rodas. O trecho que narra o momento que o personagem desembarca da barca em seu retorno para a casa dos pais é revelador desse aspecto.

O mar está mexido, o que faz com que a barca chacoalhe um pouco mais do que o normal, e o funcionário de colete acha por bem transferir a manobra de embarque do CDR (é assim que eles chamam o Antônio, de CDR), para os marujos vestindo outro tipo de colete, que já devem estar acostumados com a operação de transferência entre o barco e o cais que também balança, quase tanto quanto, só que no sentido contrário. (PEREIRA, 2017, p. 28)

É visível a desumanização operada pela nomeação que Antônio recebe dos funcionários, CDR. Trata-se de uma sigla para designar os cadeirantes. O uso da sigla, três letras frias, transforma o personagem em uma espécie de objeto. Um objeto que precisa ser conduzido, retirado da embarcação e depositado no cais. Nesta nova condição, agora como cadeirante, o personagem se vê em um mundo sem escolhas. Ser uma pessoa com deficiência oferece para Antônio uma fratura em sua vida, um desvio. O narrador demarca em diferentes oportunidades essa cisão operada na trajetória do personagem, estabelecendo um marco temporal que se define em “antes de ser cadeirante e depois de ser cadeirante”. Essa forma de ruptura estabelece também uma mudança material, financeira. Após se tornar cadeirante, Antônio passa a enfrentar uma série de dificuldades financeiras e precisa vender parte de seus bens para se manter:

O antigo apartamento tinha muitos quadros, pinturas e fotos impressas, do próprio Antônio. Com o tempo, foram ficando apenas as marcas das molduras nas paredes. Havia também coisas que não estavam expostas, uma pilha que ficava num canto do ateliê e foi diminuindo aos poucos. Depois que virou cadeirante, Antônio teve que vender tudo, quadro por quadro, numa feirinha de antiguidades e outras coisas que acontece em torno de um coreto onde costumam fazer uma roda de chorinho nos domingos de sol. (PEREIRA, 2017, p. 47)

Em *Enquanto os dentes* é produzida uma representação da deficiência que desnuda o modo como a cidade é um espaço inóspito para os usuários de cadeira de rodas, revelando a ausência de espaços acessíveis. Além disso, o romance também discute como a condição de pessoa com deficiência pode designar a oferta de uma nova identidade. Mais do que uma mudança física no corpo do personagem, torna-se uma pessoa com deficiência representou para o personagem a perda de um mundo anterior.

Algo se quebra depois que você vira cadeirante, ou desencanaixa, e não é verdade o que dizem os psicólogos, que o sexo continua sendo sexo, do ponto de vista de um

deficiente, que o sexto está mais na cabeça do que no órgão genital. Sexo é pau duro, é penetração, e não da para ignorar que mais de setenta por cento do corpo de um homem assim fica fora de uso, não adianta tocar que ele não sente nada. Os dias de loucura terminaram quando Antônio caiu da cadeira de rodas pela última vez, nas mãos de um desses amigos. O sujeito o carregou no colo, colocou de volta na cama, desligou o som e foi embora. (PEREIRA, 2017, p. 92)

Ao se tornar uma pessoa com deficiência, Antônio passou a ser objeto de olhares piedosos, foi transformado em um obstáculo na cidade, perdeu amigos, se desfez de seus bens, viveu o luto do fim de uma vida independente e precisou retornar para a casa dos pais. O romance é revelador da incapacidade da sociedade em lidar com a presença de corpos dissonantes, resultando na impossibilidade de autodeterminação dessas vivências. Ao propor uma leitura que investiga as representações da deficiência na literatura, além de estudar uma questão pouco explorada no campo da crítica literária, o artigo buscou contribuir para a divulgação das questões relacionadas ao campo dos estudos da deficiência, em especial na visibilidade do modelo social da deficiência. Dessa forma, ao propor um estudo das representações da deficiência no romance *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, o presente artigo desejou contribuir na reflexão da deficiência enquanto um novo modo de ser, opondo-se à noção de deficiência baseada na ideia de anormalidade e da perspectiva médica.

### Referências:

DAVIS, Lennard. “O paradoxo da deficiência: a guetização do visual”. In: MARTINS, Bruno Sena e FONTES, Fernando. (Orgs.). *Deficiência e emancipação social. Para uma crise da normalidade*. Coimbra: Almedina, 2016.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antonio M. Maragalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Etnicidade: identidade e diferença. Tradução de Ana Carolina Cernicchiaro. In: *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, Santa Catarina, v. 11, n. 2, jul/dez., 2016a.

\_\_\_\_\_. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri, 2016.

ITUASSU, Arthur. “Hall, comunicação e a política do real”. In: HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri, 2016.

MITCHELL, David e SNYDER, Sharon. *Narrative Prosthesis: Disability and the Dependencies of Discourse*. University of Michigan Press, 2001.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. São Paulo: É realizações, 2015. 3ª Edição.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Enquanto os dentes*. São Paulo: Todavia, 2017.

PIERUCCI, Antônio Flavio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado no Departamento de Letras da PUC/RJ. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SCHWEIK, Susan M. *The ugly laws. Disability in public*. New York: New York University Press, 2009.

**NARRATING THE DIFFERENCE, A READING OF THE REPRESENTATION OF DISABILITY IN “ENQUANTO OS DENTES”, BY CARLOS EDUARDO PEREIRA.**

**ABSTRACT:** This article presents the preliminary results of a research project that aims to analyze the forms of representation and self-representation of people with disabilities in literary narratives, especially in contemporary Brazilian literature. By proposing a study of works that present characters who are people with disabilities and that deal with issues related to this condition, I seek to produce an analysis that discusses new ways of naming and characterizing this social group. In this article, I carry out a reading of the concept of disability from the notion of difference, using Jacques Derrida's contributions as a reference, in particular the production of the neologism “différance”. The theoretical reflection forwarded here will allow the analysis of the representations of disability in the novel “Enquanto os dentes”, by Carlos Eduardo Pereira, which narrates the journey of a character who uses wheelchairs in a large urban center.

**KEYWORDS:** Disability, Difference, Representation, Brazilian literature.